

Compromisso social

Compromisso social é tema da ordem do dia. Tornou-se preocupação das empresas, das IES, das entidades e associações civis e estatais. Ora o tema é intitulado compromisso social, ora responsabilidade social. Por outro lado, compromisso ou responsabilidade social são, às vezes, uma questão de marketing institucional e, outras, de estratégia de gestão.

Pois bem, qual seria a melhor opção, responsabilidade ou compromisso social? Compromisso ou responsabilidade social, orientação para mostrar o rosto - nem sempre responsável ou comprometido - de uma instituição ou postura determinante de toda uma gestão institucional? E quanto à gênese do comprometimento ou da responsabilidade social no universo das IES, é endógena ou algo que lhes agrega por imposição exógena? De que se está falando ao se abordar esse tema? Estas e outras questões são discutidas na 5ª edição da Revista Dia-Logos.

Inicialmente, o leitor se defronta com Marcelo Ridenti, que entrevistado, defende o comprometimento social como um dado natural das IES numa dupla direção: o desenvolvimento científico e o desenvolvimento humano-social. Denuncia a mercantilização do ensino superior e a venda de sonhos fátuos de ascensão social, presentes em jogadas de publicidade. Discute, ainda, a questão da aproximação da cultura acadêmica com cultura popular. Aponta para saídas alternativas ligadas à arte, debatendo a função social desta.

A edição acolhe o artigo de Ricardo Young, que analisa o papel das empresas

diante da nova perspectiva educacional. Depois de lembrar a rápida e generalizada ruptura de paradigmas, coloca o foco da educação. Sinaliza que o docente não é mais o depositário exclusivo do conhecimento e que sua função não pode mais ser a do transmissor de saberes. O conhecimento pode se dar em qualquer lugar, de forma contínua e ininterrupta. Exige-se um docente e um discente rápidos e dinâmicos e ao mesmo tempo, ambos aprendizes e consultores do processo de aprendizagem. Essa se torna troca, diálogo e cooperatividade. Vai-se constituindo, nesse processo dialógico, a socialização e a cidadania. O autor reflete, ainda, a redefinição do papel da escola diante das exigências da nova educação, bem como de quais habilidades e competências deve-se munir o aprendiz, apresentando uma agenda educacional ideal. Nesse cenário, Young, coloca a questão de como as empresas contribuem com os novos rumos da educação, sugerindo dois caminhos: a formação permanente de seus colaboradores que gerarão os conhecimentos, dos quais a própria empresa necessita e o apoio a projetos que beneficiem a educação da comunidade, onde aquela se localiza.

A seguir, há um encontro com o Senador Cristovam Buarque. Sua questão de fundo é a Reforma Universitária e o Compromisso Social. Depois de uma crítica demolidora do papel obsoleto que as universidades ainda teimam em desempenhar, aponta para o fato de que não basta a viabilização da mobilidade social de alguns indivíduos pela universidade, mas é necessário que “ela crie uma massa crítica tal de profissionais e intelectuais que promovam um desenvolvimento justo, equilibrado e sustentável, ajudando o Brasil a completar a sua abolição, destancar sua revolução e consolidar a sua democracia. A reforma, pois, deve fazer com que os formandos, filhos de ricos ou de pobres trabalhem para o povo, além do sucesso pessoal a que têm direito”. Para o Senador, o grande equívoco é colocar o filho do pobre na universidade. Rico ou pobre, o importante é quem

nela se formar sirva ao povo, acrescenta.

Prosseguindo, Maximino Basso viaja pelos mundos de Heidegger e Platão, procurando, a partir do primeiro, entender o ser humano e mostrar o caminho de seu devir, baseado no mito da caverna, do segundo. Constatando, com base nessa dupla viagem filosófica, a complexidade do ser humano e de devir defronta-se com a complexidade do caminho pedagógico e da instituição que o proporciona. A libertação do ser humano e da sociedade, vista como transformação, parece transparecer, no escrito de Basso, como palavra-chave de compreensão do compromisso social de uma universidade. O autor, porém, com postura de filósofo, não dá respostas acabadas. Apenas levanta questões, possibilitadoras de aprofundamento e construção permanentes, do compromisso social que envolve uma instituição de educação.

Na seqüência, João Batista Pereira Queiroz aborda um tema não muito recorrente: o da Pedagogia da Alternância e como esse foco da pedagogia contribui para o compromisso social e, no caso específico deste artigo, para o compromisso social da Universidade Católica de Brasília. O fato da PA ter sido gerada para os interesses do campo, são questionados temas como a conquista e permanência na terra; a educação de todos para todos; a universidade construindo a cidadania, respectivamente, em contraposição com a concentração populacional urbana, com a concentração do saber e com coronelismo, apadrinhamento, favoritismo e manipulação. A UCB, ao implementar um projeto cujo enfoque é o da Pedagogia da alternância, procura responder a um apelo do campo: ser valorizado, reconhecido e visto como um espaço igualitário e digno de realização das pessoas. O projeto propõe que a UCB oriente politicamente suas ações também nessa direção, convencendo-a de que nele se concretiza, em parte, seu comprometimento social.

Seguindo, Rodrigo Rodrigues de Sousa, a partir de um Projeto de Empregabilidade – PROJEM, desenvolvido na Universidade Católica de Brasília polemiza a questão do estagiário remunerado, prática usual na IES. Estágio remunerado é apenas uma oportunidade de levantar algum recurso para completar renda? Um meio para conseguir um diploma de curso superior?

Uma forma de repetir, na prática, alguns dados da teoria garantidas pela compatibilidade formal das ações concretas, oferecidas na empresa e as exigidas pela graduação cursada? Ao descrever as peculiaridades do Projem e levantar alguns de seus resultados, Rodrigo pretende comprovar que o compromisso social institucional nele se concretiza.

Luiz Síveres, último dos expositores desta edição, mergulha na Extensão Universitária em busca de contribuição que ela aporta para o compromisso social da universidade. Depois de argumentar sobre sua preferência por compromisso à responsabilidade social, pelo seu caráter comunitário, afirma-a como lugar natural – reinventado diante de cada realidade, do processo educativo de compromisso com as pessoas e com a sociedade e não como um espaço de jogo de poder. Focalizando a extensão, ações que normalmente envolvem a universidade com o cotidiano da vida das comunidades, o autor chama a atenção para a sua função de problematizar o conjunto da instituição, perguntando-lhe pelos caminhos que deve percorrer e sobre que ótica se apóia para enxergar a realidade. Interessante considerar a analogia do abraço de Almeida, utilizada, para essa investigação, por Síveres.

Ler esta edição e aprofundá-la é refletir sobre o presente crítico da universidade e sobre suas perspectivas; certamente, carregadas de esperança. A contribuição desta 5ª edição da DIA-LOGOS aspira demonstrar que o futuro da universidade passa pelo caminho da integração sistêmica e dialógica da universidade com a sociedade e que se percebe como mais um ator social, que com os outros, constituem a tecitura social das comunidades. Compromisso Social, nesse sentido, é postura inerente ao ser e ao existir da universidade. A isso, poder-se-ia chamar de EXTENSIONALIDADE, ou seja, aquela característica visceral de uma IES, que a torna sistemicamente integrada e co-responsável às necessidades, apelos e projetos da sociedade, mediante o conjunto e cada uma de suas ações e especificidade.

Pe. José Romualdo Desgaperi
Pró-Reitoria de Extensão